

GAMAL ABDEL NASSER E O EGITO NO DEBATE INTELECTUAL BRASILEIRO SOBRE A POLÍTICA INTERNACIONAL (1958-1962)

MATEUS JOSÉ DA SILVA SANTOS¹; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE²

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)*– mateus_santos29@hotmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)*– charlespennaforte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No prefácio de *Minha Missão no Mundo Árabe*, Amílcar Alencastre atribuía à Gamal Abdel Nasser, autor e, ao mesmo tempo, principal personagem da versão original, a capacidade de transcendência de sua influência política para além das ditas fronteiras nacionais do Egito. O Coronel se destacava, na visão de Alencastre, por não conceber o Egito de forma isolada, repartindo suas vitórias “em todos os recantos do mundo árabe, que começa na Ásia, atravessa a África e vem até o Atlântico” (Nasser, 1972, p. 28).

As impressões de Alencastre não se constituíam num fato isolado dentro do debate intelectual e político sobre os rumos do sistema mundial no Pós-Guerra. Coexistindo com os esforços de mundialização e multilateralização da Política Externa Brasileira, um movimento de [re]descoberta do chamado Terceiro Mundo a partir da década de 1950 estimulou o desenvolvimento de uma série de contribuições (F., 2011), não necessariamente acadêmicas, sobre diferentes processos, estruturas e agentes que constituíam um cenário internacional em transição. No seio da produção de diferentes diagnósticos sobre a natureza de tais mudanças, bem como dos limites e das possibilidades envolvendo a reinserção internacional do Brasil diante de tais dinâmicas, o Egito de Nasser se tornou parte integrante das formulações de diversos intelectuais que, ao assumirem a condição estratégica de intérpretes acerca da política externa e da política internacional nesse contexto, avaliavam diferentes aspectos da experiência egípcia sob o comando dos Oficiais Livres, incluindo as novas propostas de organização do Estado e da sociedade.

Nessa tarefa, nomes como Paulo de Castro e Moacir Werneck Castro assumiram a dupla condição entre mediadores culturais e atores engajados no processo de construção de um projeto de política externa autonomista (Sirinelli, 2003). Nos sonhos de uma liderança internacional do Brasil, constituída a partir de um movimento consciente de transformação das supostas capacidades ideacionais e materiais em fundamentos para uma maior influência no chamado Terceiro Mundo, um conjunto de avaliações acerca dos limites e possibilidades de transformação da posição do país na arquitetura política global envolveu, dentre outras coisas, tentativas de reconhecimento dos principais fenômenos que constituíam a política internacional.

Com base nisso, essa comunicação analisa a inserção do Egito e de Nasser no debate intelectual brasileiro sobre a política internacional nos últimos anos da experiência democrática (1945-1964) considerando obras contemporâneas, além de outras contribuições emergentes a partir de outros suportes, como a *Revista Brasileira de Política Internacional*. Enfatizando as mais diferentes construções sobre a natureza do processo que levou à derrubada do Rei Farouk em 1952 e a afirmação de Nasser como protagonista no processo de conformação de uma nova ordem política, social e econômica, avança-se no reconhecimento das principais questões que pautaram os esforços de análise e sistematização de tal trajetória a

partir do Brasil. Por meio das contribuições de Patrick Charaudeau (2011) sobre o discurso político, avaliam-se as diferentes estratégias de organização da linguagem, além da intervenção de tais sujeitos no ambiente de incertezas e dissensos sobre a política externa e a política internacional, produzindo diferentes perspectivas sobre o Egito e Nasser.

2. METODOLOGIA

Entre o fim do Estado Novo (1945) e o advento do Golpe Civil-Militar de 1964, as expectativas acerca da consolidação de uma nova ordem política sob a hegemonia de um sistema liberal democrático em gestação influenciou o curso da República Brasileira. Conforme Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira (2018), uma dinâmica aparentemente contraditória envolvendo a consolidação de um sistema multipartidário, a ampliação relativa da participação política e a elevação da competição eleitoral entre diferentes atores coexistiram com as tentativas de diferentes setores conservadores em conter o avanço de tais tendências.

Apresentando determinados pontos de contato com o passado autoritário e limites diante do conjunto das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais vividas pela sociedade brasileira a partir dos avanços em fenômenos como a industrialização, o êxodo rural, a urbanização, o crescimento do operariado e o aumento demográfico, a chamada Experiência Democrática Brasileira se transformou num verdadeiro laboratório do horizonte de desenvolvimento e modernização do capitalismo brasileiro. Em meio aos processos mais gerais de mudança, diferentes projetos de sociedade e agendas direcionadas à extensão da cidadania, redução das desigualdades e consolidação do próprio regime protagonizavam a luta política e social nos anos 1950 e 1960, proporcionando a emergência ou consolidação de diferentes atores individuais e coletivos que costuravam a chamada esfera pública.

Concomitante aos sentidos de mudança observados ao longo da sociedade brasileira a partir de diferentes intelectuais situados no seio ou próximos às estruturas decisórias que conformavam o Estado nacional, duas outras importantes movimentações empreendidas por atores estatais e sociais influenciariam nas perspectivas de aproximação do Brasil com o chamado Terceiro Mundo, na qual o Egito simbolicamente era situado. De forma mais efetiva a partir dos anos 1950, a convergência entre as mudanças ocorridas no sistema mundial e a emergência de novas agendas para a Política Externa culminaram com um movimento não-linear de transformação da inserção internacional do país, ampliando os horizontes de atuação da diplomacia brasileira para além do eixo hemisférico-ocidental. Articulado, em certa medida, com tal processo, um princípio de renovação de interesse pelo antigo mundo colonial se materializou a partir da produção de iniciativas individuais e coletivas envolvendo diferentes atores destacados nesse estudo.

Nesse processo, os intelectuais constituíram importantes vozes em defesa da consolidação da ampliação da atuação externa do país. Apesar de não constituírem um bloco efetivamente coeso na pressão por mudanças na inserção internacional, tais sujeitos contribuíram no processo de constituição de um debate multifacetado sobre a política externa e a política internacional, a partir da afirmação de diferentes construções discursivas que reuniam desde considerações acerca da natureza, alcance e possibilidades de formação de uma liderança brasileira no plano externo até a identificação das principais movimentações que constituíam o cenário global e influenciavam, de forma direta ou indireta, na materialização de tal projeto.

Na perspectiva de transformação do saber em um recurso político capaz de incidir na formulação das políticas públicas e (Abreu, 2005), ao mesmo tempo, constituir a base de um processo de legitimação sociopolítica das ações empreendidas pelo Estado e setores privados articulados direta ou indiretamente no desafio de desenvolvimento, atores e, ao mesmo tempo autores, inseridos nas estruturas institucionais ou em organizações autônomas se debruçaram diante da produção de diferentes sínteses ideológicas acerca das mais diferentes esferas envolvidas na tarefa de modernização do país. Assumindo a condição de ideólogos (Pécault, 1990), o desafio de interpretação de diferentes processos políticos, socioeconômicos e culturais direcionou o processo de intervenção pública de diferentes intelectuais que, ao reivindicarem certa autonomia diante dos conflitos existentes na esfera doméstica, tornavam-se arquitetos de um processo de formação da consciência popular.

Para fins desse estudo, serão considerados os seguintes sujeitos, acompanhados de algumas das principais contribuições intelectuais desenvolvidas no recorte temporal destacado:

Quadro 1: Intelectuais no debate sobre a política internacional (1956-1963)		
	Breve Biografia	Obras Contemporâneas
Paulo de Castro	Militante antissalazarista; Exilado português no Brasil; Jornalista. Esteve no Egito em duas oportunidades, sendo em uma a convite oficial do Cairo (1961).	Terceira Fôrça (1958) Subdesenvolvimento e Revolução (1962)
Moacir Werneck Castro	Jornalista. Esteve no Egito junto à comitiva brasileira que participou da reinauguração do voo da Panair em 1961	Dois Caminhos da Revolução Africana (1962)

Fonte: Do autor

Como mediação entre o sujeito e sua realidade social (Orlandi, 2012), o discurso político se correlaciona com os processos de organização da vida sociopolítica das coletividades. Definidas a partir das situações de comunicação (Charaudeau, 2011), tais construções se tornam a base para o desafio de interpretação dos fenômenos sociais e políticos, num processo simbólico de reconstituição de uma determinada noção de realidade. Nesse sentido, considerando as diferentes estratégias de elaboração discursiva, comprehende-se que os intelectuais a serem trabalhados ao longo desse estudo exerceram uma complexa função de enunciadores de um processo de transformação doméstica e internacional marcado, dentre outras coisas, pela reorganização do sistema mundial a partir do avanço da descolonização e pela emergência de um novo sentido para a inserção internacional do Brasil a partir de premissas universalistas e autonomistas. Diante do papel da palavra na intervenção em espaços de ação, discussão e persuasão (Charaudeau, 2011), busca-se analisar, a partir da identificação de diferentes estratégias discursivas, o processo de formação de um debate de ideias sobre o Egito de Nasser e seu papel nas relações interafricanas a partir do duplo desafio envolvendo a constituição de uma legitimidade de um projeto de liderança internacional do Brasil e o reconhecimento de experiências sociohistóricas e políticas até então pouco exploradas por parte da diplomacia e da intelectualidade nacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como parte dos estudos desenvolvidos ao longo da produção da tese de Doutorado, a pesquisa se encontra em andamento. Seus primeiros resultados, que embasam essa proposta de apresentação, foram sistematizados no formato de um artigo submetido à revista Brathair, para composição do Dossiê voltado ao Pensamento Libertário Africano.

4. CONCLUSÕES

Valorizando suas respectivas experiências de observação direta a partir de viagens realizadas ao Egito no período em questão, Moacir Werneck Castro e Paulo de Castro aprofundaram suas avaliações acerca da natureza da revolução egípcia (1952) e do regime liderado por Nasser. No primeiro caso, integrante da delegação brasileira que esteve no Cairo ainda no governo Jânio Quadros, a demonstração de relativa simpatia frente ao desenvolvimento histórico egípcio se fundamentava a partir do enquadramento de sua experiência na perspectiva de uma necessidade histórica, convergindo, mesmo que de forma complexa e com ressalvas, os anseios provenientes de décadas e séculos de luta popular contra a dominação estrangeira e as assimetrias existentes no seio da sociedade doméstica. Já o intelectual português, apesar de partilhar de determinadas premissas e estratégias discursivas do jornalista de *Última Hora*, divergiu quanto ao balanço histórico sobre o Egito, compreendendo sua transformação a partir de um prisma de modernização das estruturas capitalistas sem alteração radical na condição do povo.

Apesar de não esgotar completamente as perspectivas dos próprios autores sobre o Egito Nasserista e nem mesmo a heterogeneidade do debate político e intelectual envolvendo as tentativas de interpretação sobre a política internacional, tais visões contribuem para um processo de reconstituição do papel de uma geração de intelectuais que, sem abrir mão da centralidade de pensar o Brasil, dedicou-se ativamente em avaliar diferentes atores e experiências, no horizonte de reinserção do próprio país em um sistema em transformação. Numa rede de produção, circulação e apropriação do saber, o distante Egito se transformava em objeto simbolicamente próximo no seio das narrativas que, no horizonte de formação de uma solidariedade entre os subdesenvolvidos, observavam atentamente o desenvolvimento histórico de um ator considerado estratégico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. A. de. A Ação Política dos Intelectuais do ISEB. In: Toledo, C. N. de (Org.). **Intelectuais e política no Brasil**: a experiência do ISEB. Rio de Janeiro, Revan, 2005. Cap. 6, p. 97-117.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2011
- F., G. A. Tercer Mundo y terciermundismo en Brasil: hacia su constitución como sensibilidad hegemónica en el campo cultural brasileño – 1958 – 1990. **Estudios Ibero-Americanos**, v. 37, n.2, p. 176-195, 2011
- GOMES, A. de C; FERREIRA, J. Brasil, 1945 – 1964: uma democracia representativa em consolidação. **Locus, revista de história**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p.251-275, 2018.
- NASSER, G. A. **Minha Missão no Mundo Árabe**. Trad. Amílcar Alencastre. Rio de Janeiro: Paralelo, 1972.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 10Ed. Campinas: Pontes, 2012
- PÉCAULT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990
- SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (ed.). **Por Uma História Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Cap. 8, p. 231-269.